



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

CLÁUDIA SALES DE ALCÂNTARA

ARQUITETO-PROFESSOR OU PROFESSOR-
ARQUITETO? COMPREENDENDO OS PROCESSOS
FORMATIVOS E IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES
DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO
ESTADO DO CEARÁ

FORTALEZA-CEARÁ
2015

CLÁUDIA SALES DE ALCÂNTARA

ARQUITETO-PROFESSOR OU PROFESSOR-
ARQUITETO? COMPREENDENDO OS PROCESSOS
FORMATIVOS E IDENTITÁRIOS DOS PROFESSORES
DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO
DO ESTADO DO CEARÁ

Relatório parcial das atividades desenvolvidas entre fevereiro de 2014 e janeiro de 2015 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, como parte do estágio Pós-doutoral do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES)

Supervisora: Professora Dr^a. Maria Socorro Lucena Lima

FORTALEZA-CEARÁ
2015

INDICE

1. A pesquisa que está sendo desenvolvida	04
1.1. Objetivos	08
1.2. Referencial teórico	08
1.3. Referencial metodológico	09
2. Participação em seminários e eventos acadêmicos.....	12
3. Relação de trabalhos realizados e produções	14
4. Avaliação parcial do trabalho: as dificuldades e facilidades encontradas.....	17
5. Bibliografia consultada.....	19

Este relatório contém uma síntese comentada das atividades acadêmicas realizadas por mim desde a inserção no estágio pós-doutoral em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – FACED/UFC, no primeiro semestre de 2014, perfazendo um tempo de doze meses. Aqui, além da explicação do projeto que está sendo desenvolvido, e já submetido ao Comitê de Ética, por intermédio da Plataforma Brasil, apresento as atividades de forma comentada, no sentido de explicitar a contribuição na minha formação acadêmica. Assim, apresento e comento as seguintes atividades: participação em encontros científicos e grupos de pesquisa, publicações, seminários, docência e trabalho de campo. Representa um esforço por evidenciar relações de causas e efeitos na minha trajetória curricular nesse programa de pós-graduação em Educação.

1. A PESQUISA QUE ESTÁ SENDO DESENVOLVIDA

A formação de professores é uma temática importante, sendo percebida mais intensamente em pesquisas acadêmicas na década de 1990. Inúmeros pesquisadores dedicam-se a esse assunto com o intuito de tornar mais compreensível à complexidade que envolve o ofício docente como profissão e as questões que envolvem a identidade profissional do professor, pois, como afirma Selma Garrido Pimenta no prefácio do livro de Terezinha Rios (2010, p. 13) “(...) não é qualquer um que pode ser professor”.

Pesquisadores como Nóvoa (2009); Penin (2009); Imbernón (2010); Guimarães (2010); e Pimenta (2008; 2011) percebem a necessidade de uma resignificação da atitude profissional do professor que privilegie os desafios do contexto contemporâneo com suas possibilidades e limites. Guimarães (2010, p.59) destaca que:

Identidade profissional, além de relacionada a aspectos objetivos (formas e estratégias de sua configuração na sociedade, conjunto de saberes e destrezas profissionais), refere-se também a disposições pessoais em relação a uma profissão, a um determinado estado de espírito quanto a pertencer a um grupo de pessoas que têm, basicamente, um modo comum de produzir a existência.

Essas discussões sobre a profissão docente são retratadas de maneiras diversas e nos mais variados contextos, mesmo de forma mitigada. Este projeto, portanto, tem por objetivo abordá-la com o intuito de compreender os processos formativos que

contribuíram para a construção da(s) identidade(s) dos professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo do estado do Ceará, lembrando que antes de ser professores, estes são arquitetos.

Essa temática apresenta-se como relevante uma vez que observa-se uma crescente do número de bacharéis arquitetos que fazem opção pela docência universitária, em detrimento ao trabalho em escritórios. Um estudo realizado por Serapião (2008, in: Salvatori, 2008, p. 75)

relativos ao Prêmio Opera Prima, que há vinte anos vem destacando projetos de graduação das escolas de Arquitetura nacionais, dão conta de que cerca de 25% dos premiados estão fora da área ou em áreas correlatas. Dos que continuam na área da Arquitetura, 21,8% trabalham em escritórios de terceiros, e 48,43% possuem escritório próprio. Mas quase metade desses últimos concilia a atividade privada com a docência - importante campo de trabalho para arquitetos, atualmente - e, outra parte significativa, com atividades no setor público, com possibilidade, ainda, de prestar serviços para terceiros. O autor fala sobre jovens arquitetos que inauguraram a prática profissional em uma situação de distinguida excepcionalidade. Há todo um campo a ser desvendado relativamente à massa de arquitetos que saem, atualmente, das escolas de Arquitetura e que traçam suas estratégias profissionais a partir de competências pessoais médias.

Esse é um dado interessante uma vez que no decorrer da formação inicial, nos cursos de arquitetura e urbanismo, esses sujeitos não tiveram contato com disciplinas próprias das licenciaturas, tais como Didática, Fundamentos da Educação, Estágio e Docência, Teorias da Educação, etc. Sem uma fundamentação teórica sobre o trabalho docente esses arquitetos-professores tendem “a ser o que se espera dele e dependendo do seu espaço de trabalho retoma os modelos dos seus antigos professores, na continuação dos seus métodos e formas de trabalhar os conteúdos propostos” (LIMA, ano, p.2).

De uma maneira geral, as escolas de arquitetura e urbanismo, inseridas na universidade, dedicam-se no preparo profissional de seus estudantes a fim de tentar preencher uma suposta demanda do mercado que exige do ser arquiteto uma qualificação técnica especializada, não preparando esses alunos para uma formação universitária. Isso porque historicamente o estabelecimento, a localização e a disseminação dos cursos de Arquitetura e a constituição do campo profissional no Brasil estão relacionados às demandas institucionais e aos projetos modernizadores dos governos, ao fenômeno da urbanização e à ampliação dos segmentos populacionais médios, principalmente depois da Segunda Guerra.

Esse modelo de ensino percebe a formação do arquiteto e a constituição da sua identidade como algo pragmático, instrumental e por isso, é perceptível nesses cursos a precariedade das informações acadêmicas, tais como pesquisas, extensão, eventos, etc.

Almeida (1997, p.26) nos esclarece essa questão quando explica que esse ensino pragmático:

Preocupa-se essencialmente com a transmissão de informações, regras de composição do projeto, relativas às suas tipologias específicas e às matérias de apoio técnico. A orientação principal dessa visão de ensino é o exercício profissional. Sua fonte de inspiração são os modelos organizacionais, ou os padrões de projeto, provenientes da prática profissional da arquitetura. Tudo indica que as disciplinas universitárias afins da arquitetura, como Artes ou as Ciências Sociais, desempenham um papel secundário nesse tipo de ensino. Elas são consideradas, respectivamente, meio de treinamento da capacidade de desenho e fonte de informação para a elaboração de programas.

Em contrapartida, entendemos que o exercício profissional docente exige uma complexidade de saberes muito além do saber técnico especializado. Como um “(...) intelectual, crítico e reflexivo, que busca a competência e a qualidade do trabalho que desenvolve, o professor precisa da teoria para iluminar a prática e da prática para ressignificar a teoria, o que constitui a práxis docente” (LIMA, ano, p. 2). Colaborando com essa ideia, Rios (2010, p. 27) ainda nos explicita:

O fazer a aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do relacionamento com a realidade. Com efeito, fazer aula, realizar o exercício da docência é, para o professor, uma experiência que demanda o recurso a múltiplos saberes, entre os quais a Filosofia e a Didática.

Mesmo assim, reconhecemos a atuação desses arquitetos-professores, como uma ação docente, onde encontramos dimensões técnicas, estéticas, éticas e política. Esses sujeitos, no exercício do seu trabalho tem que lidar com as questões que envolvem a construção dos conteúdos com os alunos, com criatividade e beleza, com a participação política sua e de seus alunos na sociedade, e com os princípios do respeito e da solidariedade no exercício do seu trabalho como docente (RIOS, 2010).

Em meio à problemática levantada, realizamos as seguintes indagações que me serviram de orientação no percurso desta pesquisa:

Indagações norteadoras

- Quem são os atuais docentes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo do estado do Ceará?

- Porque esses profissionais fizeram a opção pela docência?
- Como os cursos de bacharelado contribuíram para a construção das práticas e saberes próprios de uma identidade profissional do professor?
- Que outros saberes foram importantes para que esses profissionais se percebessem professores, ou ainda, arquitetos-professores (uma vez que os mesmos não deixaram de ser arquitetos ao fazerem a opção pela docência)?
- Como os saberes da docência podem auxiliar esses arquitetos-professores na direção de uma atuação competente (RIOS)?

Objeto

A formação docente dos arquitetos-professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Estado do Ceará.

1.1. Objetivo Geral

Compreender os processos formativos que possibilitaram esses profissionais a se perceberem como arquitetos-professores.

Objetivos Específicos

- Apresentar uma revisão de literatura expondo o que autores e pesquisadores compreendem por identidade profissional docente;
- Compreender como esses sujeitos foram construindo a sua identidade profissional docente;
- Quais são os maiores obstáculos que esses arquitetos encontram no trabalho profissional docente;
- E quais saberes eles consideram importantes para a formação do professor.

1.2. Referencial teórico

Para compreender como um grupo de arquitetos fizeram a opção pela docência, sua ação docente e responder as perguntas suscitadas optamos como referencial teórico Almeida (1992), especificamente seu trabalho de tese doutoral intitulada “O trabalho do artista plástico na instituição de ensino superior: razões e paixões do artista professor”, fazendo as adaptações necessárias para atender os desafios metodológicos da pesquisa.

1.3. Metodologia

Para a realização dessa pesquisa optamos pela bricolagem. O termo vem do francês *bricolage* e que dizer que um trabalho manual foi realizado de forma improvisada e com diferentes materiais, utilizando todas as ferramentas disponíveis. Lévi-Strauss (1976) foi o primeiro a usar o termo nas Ciências Sociais para definir um método “de expressão através da seleção e síntese de componentes selecionados de uma cultura” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610). Para Lévi-Strauss,

[...] todo o conhecimento acumulado por séculos pelos seres humanos não foi criado somente após o surgimento da ciência moderna. No entanto, este tipo de conhecimento que veio antes do surgimento da ciência moderna sempre foi considerado o resultado de acidentes, como se surgissem por acaso. Para Lévi-Strauss (1970), esta consideração não é totalmente verdadeira, pois antes do rigor científico, com o controle das variáveis e a validação dos procedimentos, já se construía um saber sistemático resultado da observação e da experimentação. E para o autor, foi esse conhecimento que sustentou o nascimento da ciência moderna. (RAMPAZO; ICHIKAWA, 2009, p.2).

No campo educacional, seguindo a utilização de Lévi-Strauss, Kincheloe (2006) definiu a bricolagem como uma investigação que incorpora diferentes pontos de vista para interpretar um fenômeno, ou, ainda, uma forma de fazer ciência com base em múltiplos olhares, com a finalidade de analisar e interpretar a realidade. Consoante Rampazo e Ichikawa (2009, p. 1,2),

Kincheloe defende uma nova dimensão do conceito de *bricolage*, mais ajustada à pesquisa dentro da dinâmica de um mundo complexo, aprofundando então, de certa forma, o conceito lévi-straussiano. O centro desta nova concepção de *bricolage* é a interdisciplinaridade, que proporciona numerosos contextos para a pesquisa. Kincheloe afirma que hoje não é mais possível enxergar os fenômenos sociais fora de sua complexidade. Em qualquer fenômeno social existe uma diversidade de fatores atuando. Desta forma, é necessário um novo processo de pesquisa social, e a *bricolage* se torna uma opção metodológica viável, conectando teorias, metodologias, pesquisador e contexto da pesquisa.

Essa metodologia rejeita diretrizes e roteiros preexistentes, possibilitando a criação de processos de investigação à medida que surgem as demandas da pesquisa. Também não se limita a conceitos científicos, fazendo uso de qualquer forma de mensagem para realizar analogias e aproximações, utilizando a criatividade tanto do emprego de materiais, quanto de equipamentos, montando a estrutura da investigação conforme o seu entendimento.

Nenhum método é privilegiado ou descartado antecipadamente. Não é necessário rejeitar os conceitos metodológicos reconhecidos pela Ciência tradicional, pois, o bricoleur (o pesquisador que faz uso da bricolagem) reconhece a importância da Ciência tradicional para os estudos científicos. O importante ao se fazer bricolagem é ampliar os horizontes e articulando os saberes de forma interdisciplinar, como explicam Rampazo e Ichikawa (2009, p. 5):

[...] o bricoleur trabalha nos limites do conhecimento, fazendo conexões entre os espaços e as margens que existem no conhecimento formal, “dando forma a uma nova consciência” (LINCOLN, 2001, p. 694). Assim, não só se juntam partes de coisas variadas, mas principalmente conectam-nas, criando algo novo, levando em conta o contexto da pesquisa. Desta forma, na concepção de Kincheloe (2001, p. 680) “bricolage [...] significa interdisciplinaridade”.

Quando se faz bricolagem, não se tem a pretensão de se buscar verdades absolutas; por intermédio de explicações diversas sobre um fenômeno, o pesquisador poderá trilhar inúmeros caminhos, podendo chegar a múltiplas interpretações. Faz uso do posicionamento político e da subjetividade, buscando entendê-la no âmbito do fenômeno da elaboração de valores e saberes sobre o objeto investigado. Esse modo de se fazer pesquisa só faz sentido com arrimo em uma epistemologia da complexidade (MORIN, 2002), buscando sempre encontrar e desenvolver diversas estratégias para superar o conhecimento monológico e suas perspectivas unilaterais sobre a realidade, como elucidam Kincheloe; Berry (2007, p. 40):

Aqui reside um pressuposto epistemológico e ontológico central da bricolagem: os domínios do físico, do social, do cultural, do psicológico e do educacional consistem na interação de uma ampla variedade de entidade - daí a complexidade e a necessidade de múltiplas formas de ver defendidas pelos bricoleur. Como parte de um processo mais amplo, em constante mudança, a impermanência, o mundo vivido apresenta aos pesquisadores problemas especiais, que demandam atenção à natureza de suas mudanças e aos processos de suas movimentações. Nesse contexto dinâmico, os bricoleur trabalham para evitar proclamações de verdade final. Por causa da natureza variável e impermanente do mundo, os bricoleur propõem visões consistentes em seu tratamento da realidade e das contradições não-resolvidas que caracterizam essas interpretações.

Ela rompe com “o reducionismo, o parcelamento, a fragmentação e a neutralidade científica dos métodos positivistas, os quais legitimam as relações de poder desiguais.” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610). O rigor da bricolagem está justamente aí, em se louvar em variados posicionamentos e sentidos, tornado o conhecimento algo processual e inacabado, como explicam Neira e Lippi (2012, p. 613):

Na bricolagem, não existe explicação verdadeira, conclusão do estudo ou considerações finais, pois, o conhecimento é transitório e está sempre em processo. É impossível produzir uma explicação completa sobre determinado fenômeno social, pois a complexa natureza das relações embutidas em qualquer situação não permite que isso aconteça. Por conseguinte, a bricolagem é uma produção de conhecimentos que não se finaliza, segue um processo contínuo de realimentação e entretencimento.

Fazer bricolagem, contudo, implica selecionar métodos, estratégias e referenciais teóricos. A produção do conhecimento envolve necessariamente o ato de selecionar. Os critérios de seleção dos bricoleurs são elásticos e esses são hábeis em explicar suas opções no esforço de compreender um fenômeno.

Compreender o objeto de estudo, no contexto da bricolagem, é ter o ouvido sensível para escutar os diferentes sujeitos, procurando entender seus pressupostos, visões e argumentos. Todos - pesquisador e sujeitos - são convidados a interpretar, promovendo na pesquisa a confluência de interpretações diversas, numa sucessão de atos sem fim.

A interpretação, por sua vez, é sempre uma atividade criativa e produtiva. Essa dimensão da interpretação (o seu lado criativo) faz com que utilizemos a estética no processo hermenêutico, proporcionando novas maneiras de perceber as manifestações do poder na cultura e na sociedade. Isso porque essa dimensão criativa estética possibilita conectar diferentes conceitos e fenômenos. Kincheloe e Berry (2007, p.116 e 117) entende que:

A arte sempre serviu a uma função objétil, ao catalisar a produção de interações e concepções singulares em diversos domínios. Na verdade, a qualidade objétil da arte induz pesquisadores e analistas de vários tipos a adquirirem nova consciência, a fazerem novas perguntas e a abordarem a complexidade de maneiras que teriam sido mais difíceis fora do domínio estético. Uma concepção da hermenêutica em relação à arte dá aos pesquisadores novas lentes por meio das quais veem o poder.

A bricolagem também possui uma estrutura, embora não expresse métodos ou procedimentos predefinidos. É uma estrutura “voltada para dentro, lúdica e rigorosa”. (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 123). Sem cair em estruturas positivistas, empíricas e monológicas, utiliza as ferramentas à disposição, faz uso de novas tecnologias e inova na forma de usar as ferramentas de pesquisas tradicionais. Assim, é possível não somente escolher dentre muitas estruturas, como também criar a própria estrutura, o que guiará o pesquisador, com o auxílio dos referenciais teóricos escolhidos, na interpretação da pesquisa.

O pesquisador escolhe um texto (ou parte dele) como uma porta de entrada, onde ele faz a sua primeira aproximação com o fenômeno estudado. Esse texto, que pode ser qualquer coisa - poesia, reportagem, filme, imagem, livro, teoria, depoimento etc - chamamos de POETA. O POETA é um discurso sobre qualquer fenômeno social que será analisado e interpretado com suporte em diferentes perspectivas. Ele é o início de uma trajetória aleatória e imprevisível, cujos posicionamentos serão tecidos, devendo ser constantemente realimentados por diversas explicações sobre o objeto, proporcionando à investigação o rigor científico necessário. De acordo com Kincheloe e Berry (2007, p.128),

Uma vez iniciado o processo os elementos da complexidade levam o bricoleur adiante. As referências que surgem a seguir possibilitam que ele avance de maneira aleatória, às vezes rumo a áreas conhecidas, outras vezes em direção a territórios desconhecidos. Embora as escolhas e as direções venham a variar com cada bricoleur, o padrão emergente evolui como o efeito-borboleta da complexidade.

O POETA é uma espécie de pivô, que desencadeia a bricolagem. Tendo como ponto de partida o POETA, podemos perceber os movimentos de ir e vir originados dele, formando uma teia de interpretações, semelhante a uma colcha de retalhos. O pesquisador tem autonomia e liberdade de desenhar a pesquisa, decidindo o que é relevante ou não, criando seu modelo conforme o seu projeto de pesquisa, não sendo obrigados a seguir procedimentos predefinidos, sendo o pesquisado um sujeito ativo da sua pesquisa.

Com efeito, a metodologia é um processo ativo, no qual o pesquisador usa das ferramentas que possui para interpretar o objeto investigado; e o pesquisador é um artista em constante decurso de criação.

Exatamente por optarmos por seguir os princípios da bricolagem, não tínhamos uma metodologia escolhida a priori. Sabíamos que iríamos seguir por uma abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (1999), não tem a pretensão de alcançar a verdade ou se preocupar com o que é certo ou errado; sua preocupação primeira é com a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade, o que corroborava ideia da bricolagem.

Somente no decorrer da pesquisa, com as leituras e o contato com os sujeitos, é que fomos percebendo as nossas necessidades para compreender o objeto de estudo.

Cada instrumento escolhido e utilizado, tanto para coleta de dados, quanto para a interpretação desses, foram e continuarão sendo elaborados e selecionados no decorrer da pesquisa.

No entanto, o trabalho já possuía uma estrutura mínima que até então está sendo mantida. Utilizando a bricolagem, selecionamos o nosso POETA, o texto da professora Socorro Lucena de Lima (2010): *FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR*. A seleção desse livro não foi aleatória, pois, tudo partiu dele; foi a grande inspiração para que pudéssemos desejar tecer este estudo.

Com o POETA escolhido, selecionamos várias leituras nos campos da Arquitetura, Didática, Identidade, Formação profissional docente, Filosofia e Artes, mostrando o caráter interdisciplinar desse trabalho e a sua complexidade, conforme pode ser percebido na bibliografia consultada até o presente momento da pesquisa.

2. PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS E EVENTOS ACADÊMICOS

Os encontros acadêmicos foram sempre presentes em minha vida acadêmica, desde meu primeiro semestre no curso de mestrado, e se constituíram como importantes momentos de discussão e troca com base nas produções científicas. Nessas ocasiões pude desfrutar do conhecimento produzido, individual e coletivamente, nas diversas regiões do país e do mundo.

Foram nos encontros me apresentei enquanto pesquisadora da educação, que se interessa pelas suas relações com a mídia, especificamente as histórias em quadrinhos, demarcando assim o meu espaço temático no âmbito da academia.

Destaco durante este primeiro ano de estágio pós-doutoral o ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, ocorrido de 11 a 14 de novembro de 2014 em Fortaleza, pois além de ter a oportunidade de trabalhar na organização e conversar com pesquisadores de diversos lugares do Brasil que possuíam interesse na minha proposta de estudo, pude apresentar o painel “Cultura, cinema e histórias em quadrinhos: inovação para o currículo e formação docente”, em parceria com os pesquisadores Me. Geraldo Magela de Oliveira Silva e Dra. Ana Lourdes Lucena de Sousa.

O painel tinha o objetivo de compreender a influência das inovações – especificamente o cinema e as histórias em quadrinhos – no currículo, na vida cultural e na formação pedagógica docente.

É imperioso destacar que tanto a universidade, quanto a escola básica carecem de uma maior aproximação junto à diversidade de artefatos culturais disponíveis, fomentando ações didáticas mais inovadoras.

Dentre as diversas atividades do ENDIPE, ficaram sob a minha responsabilidade:

- **Secretaria Geral:** responsável pela comunicação (antes, durante e pós evento) e recebimento dos trabalhos dos 81 simposistas que participaram do ENDIPE e 18 coordenadores e vice-coordenadores de sub-eixo temático no qual estava estruturado o evento;
- **Comissão técnica:** responsável por ajudar na revisão e correção do livro de programação e livro de resumos;
- **Parecerista Ad Hoc:** responsável pela avaliação de 12 painéis (o que corresponde a 36 artigos);
- **Organização de lançamento de livros:** desde o recebimento de proposta pelos autores, até a logística, organização espacial (layout), recebimento dos livros, contatos com as livrarias e recepção dos autores durante o evento;
- **Coordenação de apresentação de pôsteres:** entrega da certificação dos autores presentes e com o trabalho devidamente exposto dentro das normas do evento no dia 12 de novembro de 2014;
- **Criação do Fanzine Sucupira:** publicação criada especialmente para o ENDIPE; fui responsável pela coleta do material e diagramação da publicação. Além do produto final, no interior do fanzine consta um texto de minha autoria e uma ilustração (a Nossa Senhora do Currículo Lattes);
- **Criação do livro da Programação Cultural:** brochura onde os participantes podiam consultar a vida cultural de Fortaleza, a programação cultural do evento e os livros que seriam lançados durante o ENDIPE. Fui responsável desde a edição até o layout;

No campo da pesquisa, a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores – GEPEFE e do Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH, foi outra experiência significativa considerando que tem colaborado muito para a minha formação.

Nos dinâmicos encontros realizados, tenho me deparado com leituras instigantes e que têm me motivado a refletir sobre a prática docente na perspectiva dialética da práxis pedagógica e no campo da arte.

3. RELAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS E PRODUÇÕES

Durante este primeiro ano, tive tempo para sistematizar três artigos a partir da minha tese doutoral, escrever um artigo em conjunto com minha supervisora e mais um professor da rede pública de ensino de Fortaleza sobre cinema (que é uma arte sequencial igual as histórias em quadrinhos) e formação cultural docente e mais um artigo, um dos produtos da minha pesquisa de pós doutorado, em conjunto com minha supervisora e o professor Dr. Albio Sales, docente do PPGE/UECE. Estes artigos foram submetidos para revistas indexadas, e ainda espera parecer. Percebo nessas publicações a síntese e minha caminhada acadêmica, a delimitação e o aprofundamento teórico na minha temática de estudo. Listo aqui os trabalhos:

- História em Quadrinhos, currículo e educação – submetido a revista Contexto & Educação, Qualis B3, no dia 05/03/2014;
- Friedrich Shiller e a educação estética: uma proposta didática para a atualidade – submetido a revista Conjectura, Qualis B2, no dia 10/04/2014;
- O arquiteto-professor: a opção pela docência dos arquitetos urbanistas do Estado Ceará – submetido a revista Educação da UFSM, Qualis B1, no dia 14/08/2014;
- A educação alimentar está no gibi: Ziraldo e os quadrinhos que dão água na boca – submetido a revista Trabalho, Educação e Saúde, Qualis B2, no dia 22/09/2014 (pré-aprovado);
- Formação cultural docente: contribuições do cinema – submetido a revista Acta Scientiarum Education, Qualis A2, no dia 02/12/2014

Além dos artigos para revistas, consegui publicar artigos em livros acadêmicos e editar, ilustrar e publicar um livro infantil. Os artigos “A festa das frutas: o saber científico de mãos dadas com o saber popular” e “Alimentação saudável se aprende na escola: aprendendo a comer com HQ” foram publicados no livro organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre formação do educador – GEPEFE-CE, intitulado “Didática e formação docente: do estágio ao cotidiano escolar”.

O artigo “Sabores de Viçosa do Ceará: tradições alimentares da serra da Ibiapaba”, escrito em parceria com as pesquisadoras doutoras Adriana Camurça Pontes Siqueira e Marlene Lopes Cidrack foi publicado no livro “Alimentos tradicionais do Nordeste: Ceará e Piauí”, organizado pelo professor Dr. José Arimatea Barros Bezerra.

O livro é produto do projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (Edital MCT/CNPQ nº 19/2010) “Práticas alimentares nordestinas: estudo sobre alimentos tradicionais dos Estados do Ceará e Piauí” que tinha por objetivo identificar os alimentos tradicionais do Nordeste Brasileiro, tendo como limite espacial os estados do Ceará (nas regiões: Sertão Central e Inhamuns, Serra da Ibiapaba, Cariri e Litoral) e Piauí (em duas microrregiões: Picos (município de Oeiras) e São Raimundo Nonato (município de Guaribas) que podiam ser apropriados em suas formas tradicionais, como instrumentos indutores de fortalecimento da agricultura familiar, que possam gerar renda em função de sua inserção em políticas públicas de alimentação e nutrição, notadamente o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

O livro infantil “A música é... ROCK!”, publicado pela Editora Acerola, foi uma parceria com o professor pesquisador Geraldo Magela de Oliveira Silva na tentativa de proporcionar às crianças uma experiência músico-literária, disponibilizando uma “biomusicografia” de artistas de referência, ressaltando aspectos importantes, do gênero musical ROCK! Além das ilustrações, feitas por mim, o livro apresenta trechos de músicas, nome completo, local e data de nascimento dos artistas, fatos curiosos, links para futuras pesquisas e um glossário.

Além das publicações, quero ressaltar o seminário temático que foi realizado em parceria com minha supervisora, a professora Maria Socorro Lucena de Sousa, para os alunos de mestrado de doutorado do PPGE/UECE, intitulado “Charge, cartum e HQ como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem”.

O seminário trazia uma discussão teórica sobre o uso da charge, cartum e HQ como integrante das novas metodologias no ensino de nos mais diferentes componentes curriculares e sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento crítico e interdisciplinar e tinha o objetivo de compreender os quadrinhos enquanto uma linguagem com características próprias e que estabelece interfaces com a educação, possibilitando assim, que os interessados ampliem seus conhecimentos em relação a esta produção. Além disso, objetivava:

- Apresentar os recursos gráficos envolvidos na constituição dos quadrinhos abordando aspectos conceituais e suas principais formas de representação visuais, textuais, temporais e espaciais;

- Discutir as contribuições e limites das histórias em quadrinhos na educação;
- Possibilitar a utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula;
- Analisar pesquisas e projetos de extensão existentes que envolvem histórias em quadrinhos.

O final de cada encontro do seminário culminava com uma oficina de produção de quadrinhos como forma de tentar sintetizar as aprendizagens do dia. Foram realizados trabalhos de desenhos, colagens, tirinhas, etc. O material produzido nas oficinas pelos estudantes e professoras resultou na publicação do fanzine Lattes.

Essa experiência foi de grande riqueza para mim, se diferenciando das demais, uma vez que foi minha primeira experiência docente em um programa *Stricto Sensu*.

Além do seminário ressaltou uma aula sobre bricolagem (metodologia da minha tese de doutorado e da presente pesquisa de pós-doutorado) para dos alunos do PPGE/UECE a convite dos professores doutores Jacques Therrien e Silvia Therrien na disciplina “Bricolagem”. Esta também foi uma experiência muito rica cheia de troca de saberes e experiências.

Também ministrei aula, como professora convidada, no módulo “Quadrinhos: Conceitos, história e tipos”, do curso de Extensão Universitária em “A utilização de quadrinhos como recurso didático nas aulas de matemática”, coordenado pela professora Dra. Ana Carolina Costa Pereira. O curso tem o intuito de, a partir da confecção de quadrinhos, possibilitar o estudo de conteúdos Matemáticos na Educação Básica, proporcionando uma reflexão sobre o uso dos quadrinhos em sala de aula como uma forma de metodologia a ser utilizada.

Sempre acreditei na docência como troca, não somente de saberes, mas também de sentimentos, de visões de mundo, de experiências que proporcionam o envolvimento humano. E fiquei muito feliz de vivenciar essa experiência durante este primeiro ano de estágio, podendo me envolver mais com a docência, atuação cada vez mais relevante na minha vida acadêmica, enquanto pesquisadora da educação.

Também foram relevantes durante este ano as participações em banca de monografia, as orientações no curso de Especialização e pareceres que dei para revistas acadêmicas. A convite da minha supervisora de Estágio, professora Dra. Socorro Lucena de Lima, tive a oportunidade de ler, examinar e colaborar com os seguintes trabalhos de monografia do Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da UECE:

- Tem brincadeira no berçário? Tem sim senhor! – aluna Adriana Kelly Silva Cavalcante;
- Formação de professores: práticas leitoras dos estudantes do Curso de Pedagogia da UECE – aluno Gilvan Diego Sena Paiva

- Atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar: percursos e desafios – aluna Theresa Layanna Pereira de Araújo

Além das bancas, por convite da professora Dra. Silvina Pimentel estou podendo ter minha primeira experiência de orientação de monografia no curso de Especialização em Gestão Escolar do Trabalho da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atualmente tenho duas orientações em andamento:

- A gestão escolar e a formação para o exercício da cidadania – aluna Débora Brito Alves;
- Relações família e escola: modos de participação da família no processo de gestão escolar – aluna Marta de Oliveira Freitas.

Por fim, cito os pareceres que dei para algumas revistas acadêmica, totalizando 5 (cinco) artigos:

- Um artigo para Revista Brasileira de História da Educação, Qualis A2;
- Um artigo para Revista Roteiro, Qualis B2;
- Um artigo para Revista Estudos Teológicos, Qualis B5
- Dois artigos para Revista Expressão Católica

Assim demonstro o meu interesse pelo ofício acadêmico. Considero que ele relata uma trajetória curricular em que percorri o caminho planejado, para tornar-me capaz de atuar nos três pilares do mundo universitário: o ensino, a pesquisa e a extensão.

4. AVALIAÇÃO PARCIAL DO TRABALHO

O projeto de pesquisa intitulado “Processos formativos e indenitários dos professores dos cursos de bacharelado em arquitetura e urbanismo do estado do Ceará” vinculado a Universidade Estadual do Ceará é uma pesquisa exploratória, uma vez que esta temática é pouco explorada e não encontramos artigos, muito menos livros que retratassem da formação docentes nos cursos de arquitetura e urbanismo.

Para compreender como um grupo de arquitetos fizeram a opção pela docência, sua ação docente e responder as perguntas suscitadas, uma de nossas primeiras ações foi a elaboração de um questionário, inspirado no modelo desenvolvido por Almeida (1992),

Dos docentes que foram procurados, 06 (seis) professores de arquitetura e urbanismo já responderam o questionário. Estes atuam em diferentes instituições de ensino superior, 04 (quatro) localizadas em Fortaleza e 01 (uma) na cidade de Quixadá (região do Sertão Central cearense), contemplando assim, as seguintes entidades: Universidade Federal do Ceará – UFC, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Centro Universitário Christus – UNICHRSTUS, Centro Universitário Estácio do Ceará – Estácio/FIC, Faculdade 7 de Setembro – FA7 e Faculdade Católica Rainha do Sertão – FCRS.

Alguns achados parciais já puderam ser identificados. Percebemos que tornar-se professor envolve um complexo processo de apoderação que implica muitos fatores, dentre os citados pelos sujeitos da pesquisa, pudemos destacar a estabilidade financeira, complementação salarial, a vocação e realização pessoal que por sua vez são confirmadas pelo reconhecimento dos pares e no contato com a pesquisa e a disciplina de estágio e docência. Disto podemos inferir algumas considerações:

- Tornar-se professor de arquitetura e urbanismo é ter uma estabilidade, ou uma complementação de renda: o fator financeiro ainda é um ponto importante para a quem escolhe atuar na docência, principalmente quando nos reportamos ao ensino superior. Espera-se que o professor universitário ganhe bem, tenha sua hora/aula valorizada (ou seja, bem paga) e se possível adquira uma estabilidade financeira. Isso pode ser um despertar para a docência, principalmente, quando nos deparamos com um mercado de trabalho, no campo da arquitetura, saturado de profissionais que não sabem ao certo onde e como exercer sua formação e poucos, mas, grandes escritórios que absorvem quase todos os grandes projetos e licitações.
- Tornar-se professor de arquitetura e urbanismo é ter vocação: a questão da vocação é um ponto que envolve muita discussão. Vocação, na maioria das vezes, está relacionado com “dom”, algo quase que inato. O problema da vocação está em não perceber que a docência é uma carreira, e não um “dom”, e que exige do profissional esforço pessoal e formação pedagógica que o possibilite a dominar aspectos ligados a didática e a aprendizagem.
- Tornar-se professor de arquitetura e urbanismo é realização profissional: esse é um outro ponto que deve ser questionado, uma vez que a realização profissional é algo muito pessoal e subjetivo. Pode estar atrelado ao bem estar, a paixão, ao entusiasmo com que se exerce a profissão, mas também pode estar relacionado a

e não no exercício da sua formação acadêmica. Podemos inferir que, em alguns casos, pelo fato de destes profissionais não conseguirem a estabilidade profissional em suas áreas de formação, eles fazem a opção pela docência, como uma segunda tentativa de se consolidar no mercado de trabalho; mas isso é uma hipótese.

- Tornar-se professor de arquitetura e urbanismo é oportunidade de continuar estudando e pesquisando: mas, como estudar e pesquisar, construir o conhecimento científico se na grande maioria das vezes este professor, que é contratado no regime horista, tem que dar aulas em duas ou mais instituições de ensino, com uma carga horária elevada? Logo, apenas aqueles professores que possuem dedicação exclusiva conseguem, de fato trabalhar para além do ensino na graduação, atuando também na pesquisa e na extensão, podendo sair de suas instituições para dar continuidade aos seus estudos não apenas a nível de mestrado e doutorado, mas na diversidade de possibilidades de formação continuada existente nos nossos dias.

5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. O trabalho do artista plástico na instituição de ensino superior: razões e paixões do artista-professor. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992. [Tese]

_____. Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

_____. Cultura e formação de professores. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Série Formação cultural de professores. Rio de Janeiro, ano XX, boletim 07, 2010. p. 14-21 (Tv Escola/ Salto para o futuro)

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. A Formação do Arquiteto e a Universidade. Revista Brasileira Est. Pedag. V. 78, n. 188/189/190, p. 22-56, jan./dez. 1997.

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Joinville: UNIVILLE, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA. Sobre a história do ensino da Arquitetura no Brasil. São Paulo : ABEA, 1977

AZÚA, J. B. R. De Heidegger a Habermas. Barcelona: Herder, 1992.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

COELHO, Ildeu M. Formação do Educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. In: Formação do Educador. São Paulo: Editora UNESP, V. 1, 1996.

COSTA, Lúcio. Sobre Arquitetura. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.

CUNHA, M. I. O Bom Professor e sua Prática. Campinas: Papirus, 1989.

_____. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 32, p. 258-270, 2006.

DELORS, Jacques; et al. Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: UNESCO / MEC / Cortez, 1998.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 15-42.

IORE, R.H. 1992. Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, 420 p.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GATTI, Bernadete A.; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá (coord.). Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GAUTHIER, J. Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Ana Nery, 1999.

GRAEFF, E. A. 1995. A arte e a técnica na formação do arquiteto. São Paulo, Fundação Vilanova Artigas- Studio Nobel, 142 p.

IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010a.

_____. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL, Maria Rute. "Positivismo e educação". Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n.7, p. 89-94, set./dez. 2002.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

KINCHELOE, Joe L. McDonald's, poder e crianças: Ronald McDonald (também conhecido como Ray Kroc) faz tudo por você. In: STEINBERG, R.; KINCHELOE, Joe L (Org.). Cultura Infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. Para além do Reduccionismo: diferença, criticalidade e multilogicidade na bricolage e no pós-formalismo. In: PARASKEVA, João (Org.). Currículo e Multiculturalismo. Portugal: Edições Pedagogo, 2006. P. 63-93.

_____. Redefinindo e Interpretando o Objeto de Estudo. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathlenn S. Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 101-122.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. In: VEIGA, I. P. A. e D'ÁVILA, C. (orgs.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papirus, 2008. pp.59-88.

LIMA, Maria Socorro Lucena. A Formação Contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional, 2001. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação).

_____. A Hora da Prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Educação, educação permanente; formação, formação contínua. In: ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de; LIMA, Maria Socorro Lucena; SILVA, Silvina Pimentel (Org.). Dialogando com a escola: reflexões do estágio e da ação docente nos cursos de formação de professores. 2 ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

MAHFUZ, E. C. Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas consequências para o ensino de projeto arquitetônico. In: PROJETO ARQUITETÔNICO: disciplina em crise, disciplina em renovação. São Paulo: Projeto/CNPq, 1986.

MONEDERO, J. 2003. Enseñanza y práctica profesional de la arquitectura en Europa y Estados Unidos: Estudio comparativo sobre la situación en el año 2000: Unión Europea. Barcelona, DEGA-ETSAB, 373p.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. "Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional". Educ. Real., Porto Alegre,

NOGUEIRA, Monique Andries. Formação cultural de professores. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Série Formação cultural de professores. Rio de Janeiro, ano XX, boletim 07, 2010. p. 4-7 (Tv Escola/ Salto para o futuro)

_____. Formação cultural: questões teóricas. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Série Formação cultural de professores. Rio de Janeiro, ano XX, boletim 07, 2010. p. 8-13 (Tv Escola/ Salto para o futuro)

NÓVOA, Antonio (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA/UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.
PASSAGLIA, L.A. do P. 1991. A influência do movimento da Arquitetura Moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação de arquiteto. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. PG-FAUUSP, 245 p.

PERISSÉ, Gabriel. Filosofia, ética e literatura: uma proposta pedagógica. São Paulo: Manole, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez, 1999.

_____; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. Docência no ensino superior. vol.1. São Paulo: Cortez, 2011.

RHEINGANTZ, P.A. 2003. Arquitetura da autonomia. In: F. LARA; S. MARQUES (orgs.), *Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino em projeto*. Rio de Janeiro, Ed. Virtual Científica, 173 p.

RIBEIRO, D. A universidade necessária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. A experiência do processo indenitário de professores em formação contínua. Universidade do Estado da Bahia / Université du Québec à Chicoutimi, Canadá: 2003. (Dissertação de mestrado).

RIOS, Terezinha Azerêdo. Compreender e ensinar - por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

RISTOFF, D.; GIOLO, J. 2006. Educação Superior Brasileira, 1991-2004: Rio Grande do Sul. Brasília/DF, Ed. INEP-MEC, 390 p.

SERAPIÃO, F. 2008. O que aconteceu com os premiados do Opera Prima? Boletim ARCOWEB Acessado em: 09/09/2012, disponível em: www.arcoweb.com.br/especiais/especiais32.asp.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

VEIGA, I. P. A. (org.). Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papirus, 2010.

VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar. “A estética como condição para a formação humana”. In: Revista Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia. Vol. 5, número 5, Ano 5, mar., 2012, p. 45 - 59.

VIEIRA, Sofia Lerche. Políticas de Formação em Cenários de Reforma. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; AMARAL, Ana Lúcia. Formação de Professores: políticas e debates. Campinas, SP: Papirus, 2002.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p.54-66.